

## **Ética no trânsito? Será o caminho para uma cultura de paz na mobilidade?**

### **Guto Giovani de Oliveira Castro**

Filósofo, educador e especialista em filosofia clínica  
Secretaria Municipal de Mobilidade Urbana – Departamento de Educação de Trânsito;  
Av. Esplanada Silva Jardim, 138 – Ribeira – Natal/RN Cep.:58.012-090;  
Tel.: (84) 3232 9114; E-mail: assessoria.semob@gmail.com.

### **RESENHA**

O presente trabalho tem como objetivo principal mostrar a importância da discussão sobre a ideia da ética no caminho para uma cultura de paz na mobilidade urbana, nas relações entre as pessoas no trânsito do Brasil a partir do exemplo da cidade do Natal, no estado do Rio Grande do Norte, usando como fundamentação teórica o pensamento do filósofo grego Aristóteles. Para Aristóteles, a ideia de ética está ligada a felicidade – o Bem Supremo. Todavia, essa felicidade não pode ser construída individualmente. Ela deve ser construída coletivamente por todos que estão na cidade. Com isso o filósofo propõe a criação de uma cidade perfeita onde é possível o convívio harmonioso entre os pares independente do desejo de cada indivíduo na busca pelo fim último que é a felicidade.

**PALAVRAS CHAVES:** Ética, Aristóteles, Trânsito, Natal, Brasil.

### **INTRODUÇÃO**

O Brasil ao longo dos últimos anos vem apresentando altos índices de acidentes e violência no trânsito. Um levantamento mais recente do Governo Federal, por meio do Ministério da Saúde e o Observatório Nacional de Segurança Viária, apresenta o registro de 37.345 mortes no trânsito somente em 2016 contra os 43.870 óbitos registrados em 2014 e 45,7 mil mortes em 2012 (Governo Federal/MS, 2016).

Embora em queda, esses números de vidas perdidas em acidentes de trânsito por ano são superiores à população de milhares de cidades brasileiras. Além dos óbitos de 37.345 pessoas (MS, 2016), mais de 400 mil indivíduos ficam com sequelas permanentes todos os anos em decorrência da violência na mobilidade (MS, 2016).

A leitura destes números de guerra é devastadora e nos leva a refletir como estamos nos relacionando na via pública. Ética? Será que é apenas ética que falta ao indivíduo na hora dele andar no trânsito brasileiro? Essa é uma resposta que exige muito mais que respostas de todos nós, exigirá ações, atitudes. E vai muito além da ideia do que é certo ou errado, do bem e do mal, da conduta positiva ou negativa e da análise dos critérios que definem esse julgamento.

### **DIAGNÓSTICO, PROPOSIÇÕES E RESULTADOS**

Refletir sobre a ética é tarefa complexa. Dilema universal tratado por filósofos desde o tempo dos pré-socráticos (entre os VII e V a.C.) até o período contemporâneo. Mas, afinal qual o sentido da palavra ética no país como o Brasil que mata milhares de pessoas todos os anos no trânsito? Que caminho seguir diante deste diagnóstico, desta realidade? A ética será o caminho para uma cultura de paz na mobilidade urbana brasileira? São perguntas complexas e que exigem respostas bem fundamentadas, pois, estamos lidando com vidas humanas.

A palavra ética é constantemente usada no cotidiano das pessoas no Brasil, nos protocolos da Constituição Federal (1988), no Código de Trânsito Brasileiro (1997) e nos mais diversos

contratos sociais, religiosos e de relacionamento para justificar as decisões importantes que tomamos na vida.

Por conta da ética, destituímos presidentes, trocamos de esposas, deixamos maridos, saímos de grupos em redes sociais, mudamos de emprego, trabalho, cidade, estado, país, entre outras decisões.

Uma breve análise sobre essas decisões poderia nos levar a acreditar que de fato sabemos o que é a ética, do que trata a ética, já que a ética fundamenta todas as decisões que tomamos nas nossas vidas e que impactam também na vida dos outros.

No entanto, quando se pergunta para as pessoas no Brasil sobre o que é ética percebemos que existe uma grande dificuldade em conceituar a palavra, entre outras razões porque a própria palavra ética tem muito sentidos e todas as pessoas têm ideias próprias sobre o que é certo, sobre o que é errado e até sobre o que não é necessariamente certo ou necessariamente errado.

A terminologia ética origina-se de uma longa tradição dos gregos. Ela nasce e se desenvolve ao longo da história do homem como uma tentativa de resposta aos protocolos para a boa convivência das pessoas na sociedade.

Um dos primeiros pensadores gregos a tratar sobre o tema ética foi o Sócrates. Para o filósofo, o saber fundamental diz respeito a ideia do que é o próprio homem. Daí a sua máxima: “Conhece-te a ti mesmo” (VÁZQUEZ, 2013, p. 271).

Portanto, há em Sócrates uma ideia de ética racionalista e que pode ser ensinada por meio da educação, da virtude e da concepção do bem. Para ele, “o homem age retamente quando conhece o bem e, conhecendo-o, não pode deixar de praticá-lo” (VÁZQUEZ, 2013, p. 272).

Em a República, Platão constrói um Estado ideal à semelhança da alma. E cada parte deste organismo deve ser guiada pela virtude e a boa educação. “A cidade é terreno próprio da vida moral e o homem é bom enquanto é bom cidadão” (VÁZQUEZ, 2013, p. 272).

Platão propõe uma ética transcendente, dado que o fundamento de sua proposta ética não é necessariamente a realidade empírica do mundo, nem mesmo as condutas humanas ou as suas relações, mas sim o mundo inteligível. O filósofo centra suas indagações na ideia perfeita, boa e justa que organiza a sociedade e dirige a conduta humana (VÁZQUEZ, 2013, p. 274).

Saindo do pensamento de Platão, do mundo das ideias, Aristóteles propõe a construção de uma ética para a felicidade no lugar onde estamos inseridos. Para o pensador grego a palavra ética está relacionada à felicidade. Assim todas as ações humanas e todos os fins particulares a que elas correspondem tenderão a um fim último, o Bem Supremo. E esse Bem Supremo, a felicidade não deve ser uma conquista individual mais coletiva. De acordo com o pensamento do filósofo “o homem não pode levar uma vida ética como indivíduo isolado, mas como membro de uma comunidade, respeitando as condições ou o meio para uma vida verdadeiramente humana” (VÁZQUEZ, 2013, p. 275).

E neste ritmo, poderíamos dar continuidade a história da ética ao longo dos séculos dentro da visão de cada filósofo. Mas, não faremos por uma razão muito prática que é o tempo e o espaço que dispomos para construção deste artigo. Todavia, os dois primeiros fragmentos sobre ética citados pelos filósofos Sócrates e Platão são suficientes para fundamentar o presente instrumento no pensamento aristotélico. Por que? Ora, porque o pensador grego

estava trabalhando diante dos mesmos problemas e dilemas que enfrentamos no mundo contemporâneo. Como viver em um mundo civilizado, uma cidade perfeita? O seu pensamento nos inspira a buscar o caminho para uma vida mais feliz para todos por meio das virtudes da alma e o combate constante aos costumes corrompidos.

Aristóteles estabelece a visão de uma sociedade onde é possível permitir o convívio harmonioso entre as pessoas, mesmo com tantos pensamentos distintos, dentre de princípios que não privilegiam o individualismo. Para ele é necessário organizar a sociedade de maneira que ela garanta a forma mais elevada de civilidade entre os pares. E dentro desta ótica, Aristóteles vai conceber que a própria sociedade e o Estado devem discutir, debater, aprovar e deliberar, por meio de processos permanentes e democráticos, a melhor forma de conviver entre todos.

Percebe-se que, de fato, refletir sobre a ética na visão de Aristóteles é atual e contemporâneo. A vida na sociedade, na cidade, no Estado não se organiza de forma acidental, mas pela aquisição de bons modos de agir, hábitos e virtudes.

O homem virtuoso, o homem bom deve ser, ao mesmo tempo, um bom cidadão – ou pelo menos deveria ser. E uma cidade boa para se viver deve ser, portanto, uma cidade feliz e promotora do bem-estar entre todos os seus civilizados. A fundação de uma cidade perfeita exige a erradicação do passado; dito de outro modo, a erradicação da lei da floresta, da lei do mais forte, o expurgo daqueles cujo o espírito e o coração estão marcados por opiniões falsas e costumes corrompidos.

Neste sentido, a formação do cidadão do bem, na cidade perfeita, só pode ser sustentada pela educação e se o indivíduo possuir uma qualidade natural, a docilidade, diga-se, não apenas como a obediência servil, mas um consentimento fácil à formação para cidadania e o cumprimento da lei estabelecida pela sociedade na qual está inserido.

O agir ético do cidadão deve, portanto, ser fortemente condicionado pela educação, orientado pelos códigos de condutas e o respeito as normas e as instituições que zelam pelo cumprimento da lei, dos contratos sociais e o bem-estar coletivo.

Ora, os contratos sociais, a Constituição (1988) do país, os códigos para boa convivência na sociedade, o Código de Trânsito Brasileiro (1997) não seriam ferramentas segundo as quais o cidadão deve nortear sua conduta na vida coletiva e se proteger contra os transgressores?

Não é casual que o próprio Aristóteles produziu um livro falando sobre ética para o filho: “Ética a Nicômaco”. Trata-se de um dos mais cultuados trabalhos do pensador grego. A obra ocupa um lugar fundamental na base do pensamento humano e expõe seu entendimento sobre a virtude e suas considerações acerca do papel do hábito e da prudência, além de criar uma instrução moral completamente nova, direta, clara, imediata à realidade concreta na busca pelo bem-estar coletivo.

Trata-se, portanto, de uma obra fundamentada na defesa da ética como instrução, como um processo de educação, na concretude de uma vida boa, civilizada e feliz para todos – sem o privilégio e favorecimento do indivíduo, mas respeitando a vontade de todos, do coletivo. Percebe-se que a fundamentação da ética no processo de criação de um código de conduta para as relações humanas e afins no trânsito de uma cidade não é diferente. Trata-se de um esforço coletivo, o uso da razão, o uso da inteligência, para formação de um comportamento, de um agir para o bem supremo – que é a felicidade. É, portanto, um esforço coletivo do mundo civilizado para promover a melhor forma de convivência entre todos na polis. E viver da melhor maneira na cidade é respeitar as regras do jogo social, as leis, os contratos para uma boa convivência na cidade e no trânsito.

A verdade é que sem o respeito às leis, às normas, aos códigos de conduta, a boa e feliz convivência entre as pessoas está ameaçada. E que, portanto, quando o país delibera em assembleia e aprova o uso de câmeras, dos radares, das lombadas eletrônicas, a intensificação da blitz da Lei Seca, a presença contínua de agentes de trânsito nas vias públicas e uma série de outros instrumentos para gerir e disciplinar a conduta das pessoas no trânsito, na verdade a sociedade está se protegendo, se defendendo contra o indivíduo que não respeita as regras do jogo, o Código de Trânsito Brasileiro.

O que se espera do indivíduo, portanto, é que ele jogue o jogo jogado entre todos, respeitando as regras, as normas, para assim continuar transitando livremente na sociedade. Afinal, quando ele – o indivíduo – nasceu e chegou aqui essas leis já estavam em vigor no país, no estado, na cidade e até fora dos espaços urbanos. Portanto, é um direito adquirido da sociedade e o indivíduo é convidado a participar deste convívio coletivo – deste universo – desde que respeite as leis para que todos possam viver da melhor maneira possível.

O indivíduo é livre para escolher a melhor forma de andar no trânsito da sua cidade, do seu estado, do seu país. Ele é livre para caminhar, andar de bicicleta, subir em cima de um patinete, pilotar uma moto, dirigir um carro, guiar um caminhão. Mas, terá que respeitar as leis de trânsito. A desobediência ao código de conduta do trânsito é um crime, um atentado contra a felicidade de todos, um atentado à vida. Por isso a sociedade vai se defender e exigir a punição do infrator.

O indivíduo poderá até argumentar, por exemplo, que em outros países há menos regulamentação, há menos semáforos, há menos lombadas eletrônicas e existem menos agentes de trânsito. É possível. Mas, a verdade é que você está vivendo no Brasil, onde milhares de pessoas irão morrer todos os anos e outras milhares sairão feridas, vítimas de pessoas que não respeitam a lei.

E que, portanto, para reduzir esse genocídio, esses números da violência no trânsito, dependemos do cumprimento destes protocolos para a boa convivência entre todos. E que, de fato, o que se espera do indivíduo é que ele respeite os procedimentos e códigos de conduta na sociedade na qual está inserido.

Sabe por quê? A felicidade de todos na cidade, no estado, no país vale mais do que o desejo do indivíduo de ser feliz, o interesse público vale mais do que o interesse privado, a vontade coletiva é soberana ao desejo individual.

Perceba que quando o indivíduo nasceu a lei já existia, a pátria já existia, a ideia de cidadania já valia. A sociedade tem direito adquirido. E o indivíduo que chega é convidado a participar deste universo, deste mundo civilizado. E para isso ele viverá um longo processo de aprendizado realizado por meio da educação.

O que se espera do indivíduo após toda essa formação é que ele seja uma pessoa civilizada, gente no verdadeiro sentido da palavra. Pois, de fato, toda ética aristotélica implicará sempre em renúncia, abrir mão de interesses próprios, apetites, desejos e instintos mais primitivos e egoístas em nome de uma convivência boa e feliz para todos. É a primazia dos nós sobre o eu, a vitória da vontade geral sobre a vontade individual.

Assim, a ética será sempre uma tensão, um confronto entre dois estados do mesmo homem, aquele que age pelo instinto e o que usa a razão para avaliar sua própria conduta e escolher o melhor caminho. Do lado instintual, preponderam os desejos mais mesquinhos e egoístas que precisam ser domesticados, docilizados, controlados. Do lado da razão, o uso da educação, o uso da inteligência. Trata-se, portanto de um exercício intelectual contínuo.

Afinal é exercitando a sua educação que o indivíduo pratica sua ética, vivencia a cidadania, age para o bem e alcança a felicidade.

E neste sentido o papel da educação é fundamental. Principalmente num país como o Brasil com pouco mais de 500 anos de fundação, onde nem cerca de 10% desse tempo foi, concretamente, uma democracia formal. Foram 322 anos de Colônia, 67 anos Império e mais de 130 anos de República Democrática. E o que une um país de tamanha dimensão como o Brasil no mesmo ideal e projeto de nação, civilização? São os compartilhamentos de suas leis, seus valores, seus saberes e critérios que possibilitam criar uma sociedade justa, ética, humana, fraterna e amorosa. E o ensinamento desses valores de geração para geração nasce primeiramente na família. Posteriormente toda essa formação vai ser lapidada em escolas, universidades e demais instituições da sociedade como as igrejas, organizações de classes, associações comunitárias, centros de educação para o trânsito, escolas para condutores – entre outros organismos.

Para Aristóteles, a ética como instrumento de educação tem esse papel transformador: o de ensinar os bons costumes baseado no bom caráter. Não nascemos éticos, preparados, virtuosos, adquirimos as virtudes éticas por meio da prática e de exercícios contínuos. É pela educação que o indivíduo aprende sobre a boa conduta, o respeito, quais comportamentos são permitidos e possibilitam uma convivência harmoniosa entre todos – isso também vale para o trânsito na cidade: o zelo pela convivência harmoniosa entre os pares na via pública.

## O CASO DA CIDADE DO NATAL, NO RIO GRANDE DO NORTE

Vejamos no enunciado anterior, o exemplo que a cidade do Natal, no estado do Rio Grande do Norte, nos deu para a educação de trânsito. O Executivo municipal, por meio da Secretaria Municipal de Mobilidade Urbana, elaborou um importante tratado que foi determinante para combater a violência no trânsito e reduzir o número de óbitos na via pública.

Em poucos anos, a cidade se transformou em uma das mais seguras para andar no país. Os dados do Governo federal revelam que entre os anos de 2010 e 2016, houve uma redução de 45,9% no número de óbitos no trânsito. Enquanto 98 pessoas perderam a vida em acidentes de trânsito em 2010, no ano de 2016 esse número caiu para 53 óbitos (MS, 2016).

Qual a estratégia de Natal (RN) no combate a violência no trânsito? Que ações foram realizadas pela Secretaria Municipal de Mobilidade Urbana para alcançar esses números? Para se chegar a esses resultados, foram necessários uma série de medidas que somadas a política de educação foram determinantes nestes resultados. Foram realizados investimentos na melhoria da sinalização viária, incrementada a implantação de uma moderna fiscalização eletrônica com a permanente e contínua fiscalização dos agentes de mobilidade nas principais vias do município.

Todavia, a maior contribuição de Natal veio na criação de uma arrojada política de educação de trânsito focada no atendimento do indivíduo desde o momento que nasce na família até a chegada a escola e posteriormente ao ensino universitário. Todo o processo foi estruturado pela implantação do Departamento de Educação de Trânsito – composto por educadores, arte-educadores e profissionais com ampla experiência.

O Departamento de Educação de Trânsito foi responsável por propor e elaborar os projetos, as ações e campanhas de conscientização para um trânsito mais humano, seguro e menos violento. As ações do DEDT viabilizaram projetos e campanhas focadas numa cultura de

não violência no trânsito, coordenação de cursos e eventos, instrução e acompanhamento pedagógico (Prefeitura do Natal/STTU, 2017).

A partir deste enunciado, a Secretaria Municipal de Mobilidade Urbana entendeu que educação para o trânsito precisava ser tratada de uma forma global. O seu planejamento e sua execução precisavam ir muito além da realização de campanhas e distribuição de panfletos nos cruzamentos e faixas de pedestres nas vias públicas. Para realizar um trabalho sério de educação era preciso ir beber na fundamentação filosófica de Aristóteles. Pois, de fato, é por meio da educação em seu sentido mais amplo que construímos os valores da cidadania e da ética nas pessoas. Porque para mudar comportamentos no trânsito, mais do que vias bem sinalizadas, equipamentos de segurança de última geração e uma fiscalização ostensiva, o indivíduo precisa ser formado por meio de uma boa educação. E neste sentido, buscar parcerias com as escolas e universidades como centros de excelência no condicionamento humano foram fundamentais para que as ações chegassem a um outro nível de relação com a sociedade.

Entre os inúmeros programas desenvolvidos com os colégios podemos destacar o projeto “Transitando nas escolas” que atingiu nos últimos dez anos mais de 100 mil estudantes da rede de ensino pública e privada. O projeto nasceu com o objetivo de promover o exercício da cidadania e da ética no trânsito levando para as escolas do município a conscientização para um trânsito mais seguro e menos violento (STTU, 2017).

Durante a ação do Transitando nas Escolas, que acontece de forma permanente e o ano inteiro, são realizadas apresentações teatrais, palestras, dinâmicas, aulas teóricas e práticas que proporcionam a análise e a reflexão sobre as condutas, os comportamentos e hábitos que são determinantes na segurança das pessoas no trânsito (pedestres, cadeirantes, ciclistas, pilotos de moto, motoristas).

O programa também atua na formação de multiplicadores da educação para o trânsito na comunidade. Os alunos levam o conhecimento transmitido pelos educadores para sua comunidade, sua rua e sua família – alertando pais, irmãos e amigos sobre os protocolos de andar corretamente no trânsito.

E assim como analisamos em tela esse processo de formação para cidadania e o exercício da ética na sociedade e no trânsito se torna mais fácil – principalmente porque ele começa a ser trabalhado nos primeiros anos em que a criança chega a escola e, posteriormente, é desenvolvido ao longo de sua história estudantil, acadêmica e finalmente com a chegada ao mundo corporativo.

Um outro importante programa determinante para os bons resultados que estão sendo alcançados no exemplo da cidade do Natal (RN) foi a criação do primeiro Centro de Treinamento de Educação de Trânsito (CETET). Aliás, o primeiro centro de referência também no estado do Rio Grande do Norte. A moderna estrutura pedagógica está localizada na rua dos Pintassilgos, 2090 – no bairro Pitimbu, na região Sul do município (STTU, 2018).

O CETET é mais uma importante ferramenta do Departamento de Educação de Trânsito da STTU e tem a missão de contribuir no processo de educar para a humanização das relações no trânsito da cidade – nada mais pertinente.

No Centro de Educação para o Trânsito são disponibilizados treinamentos e cursos para alunos, estudantes e adultos. São também realizadas capacitações com os pilotos de motos que atuam como profissionais de entrega e motoristas condutores de ônibus, transporte opcional, táxis, transporte escolar e fretamento. Os conteúdos são desenvolvidos por meio de dinâmicas e oficinas com exercícios teóricos e práticos para a vivência de protocolos que

zelam pela a vida no trânsito e o respeito as normas do Código de Trânsito Brasileiro (STTU, 2018).

O CETET mantém ainda o diálogo permanente com professores e alunos dos institutos federais, das faculdades e das universidades com o objetivo de estimular à pesquisa os docentes e os discentes que se interessam sobre o tema trânsito em suas monografias e trabalhos de conclusão de curso. A proposta também prevê a construção de novos conteúdos científicos que ajudarão na gestão da mobilidade na cidade, no estado e no Brasil (STTU, 2018).

Um destes novos conteúdos e projetos deu origem a criação da figura do “Agente Mirim de Trânsito” que foi concebido para ser um educador de trânsito na escola e na comunidade onde ele atua. Vestido com uniforme característico do agente de trânsito, a autoridade mirim de trânsito trabalha com talonário educativo para multas, apito, e demais instrumentos que o ajudam a orientar sobre as práticas seguras no trânsito junto aos seus colegas de escolas, a família e toda a comunidade (STTU, 2018).

A formação é voltada para alunos da rede pública e privada e durante o curso a criança é iniciada em três fases distintas para vivência no trânsito. A primeira fase prepara o aluno, a aluna, para ser um cidadão, uma cidadã no trânsito e na sociedade. A segunda e terceira fases proporcionam a criança uma compreensão maior sobre a própria função do Agente Mirim de Trânsito, inserindo-o dentro de vivências e experiências reais no trânsito. O trabalho é supervisionado pelos educadores e pelos agentes de trânsito do órgão. São ensinamentos de grande valor, que contribuem para melhor formação do indivíduo e marcam sua trajetória por toda vida, proporcionando-lhe as ferramentas para o julgamento contínuo de sua própria conduta no trânsito (STTU, 2018).

Bem tudo isso, parece muito pouco. Todavia, não é. Funciona como uma vela dentro de um quarto escuro e tem grande valia. Pois, trata-se, do início de um processo onde será possível contemplar a criação de uma série de outros programas e ações que irão formatar um novo pensamento no indivíduo e sua relação com a cidade por meio da promoção de uma consciência voltada para a valorização da vida, focada em um trânsito mais seguro, menos violento e mais humano – gerador de uma felicidade coletiva – o Bem Supremo.

## CONCLUSÕES

Viver bem numa sociedade, numa cidade, é conviver coletivamente de maneira feliz. Uma sociedade, uma cidade, portanto, deve ser templo da vida e da felicidade coletiva. O indivíduo não é feliz sozinho. A felicidade coletiva é soberana a individual. É a ética do Bem Supremo contra os sentimentos mais egoístas, mesquinhos e corruptos. O indivíduo que realiza o bem, agindo com prudência e equilíbrio, age virtuosamente e, portanto, alcançará a felicidade e será ético. Mas, dentro de uma felicidade coletiva.

Há, de fato, muitas maneiras de aprender o significado da palavra ética. E como estudamos ao longo da história da Filosofia, cada pensador tem um entendimento muito próprio sobre o tema. Mas, nenhum dele foi mais sensível a condição humana que o próprio Aristóteles. Ele produziu um dos tratados mais humanos sobre o tema e seu pensamento foi capaz de se adaptar ao longo do tempo às mais diversas realidades e inspirar – inclusive – tratados teológicos nas mais distintas crenças e religiões que cumprem também um importante papel na realização do bem-estar coletivo.

Aristóteles assegura que a finalidade da ética é proporcionar a felicidade entre os homens na cidade. E essa máxima não valerá para o trânsito na cidade? Ora, sendo a felicidade o Bem Supremo, o homem somente alcançará sua plena realização por meio das ações éticas

que o torna um ser feliz, capaz de viver bem e agir bem. E essa construção é uma formação pela educação, sobretudo por meio de uma educação voltada para humanização nas relações. Um educar para humanidade, para ser gente – nada mais pertinente. De fato, a educação visa a formação do indivíduo, transformando-o em um cidadão por meio da consciência do seu agir.

Os protocolos para alcançar a felicidade no Brasil parecem difíceis e distantes de serem vividos. Um olhar mais atento a realidade nacional nos revelará nestas últimas décadas que os índices de violência, intolerância e corrupção são incompatíveis com a ideia de unidade nacional e pátria – e que diria nas relações no trânsito? Temos números de guerra, de uma barbárie. E neste sentido, falar sobre a ideia de ética no trânsito, o valor imensurável da vida na via pública e fora dela, num país que mata milhares de pessoas e fere outros milhares de indivíduos, é um desafio enorme para educação.

Será que se tivéssemos uma outra consciência, uma consciência maior sobre o próprio valor imensurável da vida, o exercício permanente do amor, da igualdade, da fraternidade, da solidariedade, da honestidade entre outros valores universais e inalienáveis que nos tornam humanos, necessitaríamos falar em ética no trânsito? Ética na política? Ética nas relações familiares e nos mais diversos campos do relacionamento com o outro e o meio?

Enfim, pensar numa possibilidade de valor sobre a ética no trânsito e no dia a dia das pessoas no Brasil é pensar em um princípio moral para além dos imperativos ou das emoções, é ir muito além dos postulados e do consenso do que significa a própria palavra Ética na visão do Aristóteles. E essa é uma construção que sozinhos não iremos realizar. É preciso o envolvimento de todos. Por que o trânsito é feito por todos nós. E se nós somos o trânsito, então, o que nos falta para viver essa humanidade na via pública? Será que se trabalhássemos outros valores somados a ética como o amor, a fraternidade, a igualdade, a responsabilidade, entre outros temas, necessitaríamos falar tanto sobre a própria ideia de ética no trânsito?

Atuar, portanto, na fundamentação destes valores, dentro de uma construção pedagógica, voltada para a boa conduta, uma conduta de convivência e respeito com o próximo, dentro de níveis de civilidade, daquilo que destacamos como humano sem a qual a valorização da vida na cidade não é possível, deve ser um norte para alcançarmos um nível de felicidade plena e conseqüentemente um caminho para um futuro menos violento no trânsito, na cidade, no estado e no país.

Daí a importância da educação para humanidade na via pública – educar para ser gente. A promoção de um projeto com o propósito de articular, mobilizar, capacitar as pessoas para a sua humanidade por meio de conteúdos e construções que levam à reflexão para o bem supremo de todos – que a felicidade.

Há, enfim, um longo processo na estruturação deste caminho e que não é possível abordar aqui neste breve tratado. Entretanto, podemos concluir esse artigo colocando que esse será o grande desafio da educação para o trânsito nos próximos anos no Brasil: a ideia de educar a pessoa para sua humanidade, para ser gente, para valorizar a vida e a promoção de uma sociedade que tenha suas relações fundamentadas em valores como o amor, a paz, a fraternidade, a solidariedade e o respeito a vida de todos. Senão, qual o sentido da ética? Qual o sentido da educação? Qual sentido de ensinar? Qual o sentido de aprender?

Que possamos no futuro bem próximo atuar como agentes transformadores e construtores de cidades e cidadãos felizes, amantes da vida, da justiça social, da ética, da moral e que a via pública seja – assim como em nossas casas e famílias – um espaço permanente de celebração do amor, da paz e de uma cultura de não violência.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### LIVROS

ABBAGNANO, Nicola. Dicionario de Filosofia. Tradução de Alfredo Bosi, Ed. Mestre Jou, SP, 2ª edição, 1982.

ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W. D. Ross In: Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1973, v.4.

BOFF, Leonardo. Ética e Moral: A Busca dos Fundamentos. São Paulo: Vozes, 2014.

VAZQUEZ, Adolfo Sanchez. Ética. Tradução de João Dell'Anna, 6ª edição, ed. Civilização Brasileira, 1983.

### SITES

PORTAL DO TRÂNSITO - Dados mostram queda no número de mortos no trânsito brasileiro, mas ainda longe da meta. Tecnodata Educacional. São Paulo/SP. Documento eletrônico disponível em <https://portaldotransito.com.br/noticias/moto/dados-mostram-queda-no-numero-de-mortos-no-transito-brasileiro-mas-ainda-longe-da-meta/> - acesso em 9 de junho de 2018.

NATAL. Prefeitura do Natal – Secretaria Municipal de Mobilidade Urbana – Natal/RN. Documento eletrônico disponível em <https://natal.rn.gov.br/noticia/ntc-28549.html> - acesso em 18 de janeiro de 2019.

BRASIL. Governo Federal – Ministério da Saúde – Brasília/DF. Documento eletrônico disponível em <http://www.saude.gov.br/saude-de-a-z/acidentes-e-violencias/projeto-vida-no-transito> - acesso em 03 de julho de 2019.